

RUBEM BRAGA

Filhos do Rio Grande

Venho dar ao Rio Grande do Sul triste noticia de uma aldeia habitada por seus filhos. Fui encontrar essa aldeia gaúcha alguns kilometros ao norte do Rio Doce, á margem esquerda do Panca, nos limites de Minas com o Espirito Santo. Vivi nessa aldeia cerca de uma semana, e posso informar ao Rio Grande do Sul que os seus filhos vão mal. Em nenhuma aldeia do mundo a miseria e a doença deve ser tão grande como ali. A porcentagem de doentes, segundo os calculos mais optimistas, é de 100 por cento.

A aldeia não é aldeia, é um aldeamento: o aldeamento dos indios guaranys. Esses indios viviam primitivamente no Rio Grande do Sul, a acreditar no que me disseram os homens mais velhos da tribu. A historia de sua transferencia para as margens do Panca é uma historia comprida e pouco divertida.

Estive lá ha uns tres annos atraz, ou, talvez, menos. Não guardel o que escrevi na occasião, mas me lembro de alguma coisa. O velho, pae dos dois caciques locais, me falou com saude de um lugar do noroeste do Rio Grande em, que vivia com sua gente. Diz elle que possuia muitas terras e viviam bem, até que um dia, textualmente, "a terra sumiu". Não foi caso de um terremoto; a terra não sumiu, mas sim a propriedade, que passou para a mão de estranhos, por um mysterioso phenomeno cuja explicação o velho até hoje não sabe; nem elle, nem eu.

O facto é que os indios foram mandados para São Paulo, onde ficaram na zona do littoral sul, ali pelas alturas de Iguape. Com o tempo, plantando arroz, prosperaram. E mais prosperariam si a terra não sumisse de novo. Desta vez sumiu em beneficio de uns homens estranhamente parecidos com os guaranys, mas pertencentes a uma tribu que vem de outro lado da boia errada que é este mundo, os japonezes. Os indios foram mandados para o

Noroeste paulista. Desta vez a terra não sumiu: os indios é que começaram a sumir. O impaludismo matou muito mais da metade. O resto foi transferido para... o Rio de Janeiro. Em uma ilha carioca ficaram elles longo tempo. Naturalmente as autoridades estavam procurando uma terra para aqueles homens estranhos, victimas de tantos terremotos, Homens incomodos! Afinal, uma ideia brilhou Indio deve ir para lugar de indio, e lugar de indio é no matto. Ora, lá pelos lados do Panca viviam varias tribus de indios aymorés; os guaranys poderiam muito bem ir viver lá. Foram.

No anno anterior áquelle em que estive no Panca a mortalidade do aldeamento tinha attingido a 50 por cento. Não havia um só indio que não estivesse impaludado. Meu companheiro de viagem, o excellente Barrios, irmão daquelle assombroso Barrios que éra o maior tocador de violão do mundo, distribuiu remedios, pediu providencias, fez o diabo a favor dos indios, com uma ternura toda especial, porque o paraguay Barrios via ali homens da mesma lingua e de mesmo sangue. Barrios ficou por lá; não sei que fim levou com seus indios. Quantos aos aymorés, acontece que elles se parecem tanto com os guaranys como um dinamarquez póde parecer com um chinez. Não ha, na lingua dos dois povos, uma só palavra igual. Os aymorés rivem ali mais ou menos: ha muitos seculos vivem ali. Mas os guaranys conheciam tanto o matto em que foram jogados como eu conheço o polo norte. Completamente estranhos á natureza e ao clima, sem instrumentos de trabalho, sem assistencia nenhuma, os guaranys estavam fazendo exactamente a melhor coisa que podiam fazer: morrendo aos montes.

Será verdadeira a historia do velho? Isso tudo foi o que elle me contou. E eu conto aqui para transmittir ao Rio Grande a lamentação desses seus filhos esquecidos e humilimos.